

RESENHA

*Carlos Ribeiro Caldas Filho**

MEIER, Celito. **A educação à luz da pedagogia de Jesus de Nazaré.** São Paulo: Paulinas, 2006. 183 p.

Não paira sequer uma sombra de dúvida quanto à relevância e ao valor da educação em nossa sociedade. Na verdade, a educação é importante para o progresso de qualquer sociedade, em todo e qualquer ponto do planeta. Por isso, pensar criticamente a educação sempre é um desafio e uma necessidade imperiosa. É este o desafio encarado por Celito Meier em sua obra intitulada *A educação à luz da pedagogia de Jesus de Nazaré*. A obra faz parte de uma série de Edições Paulinas que tem por título *Educação e fé*. A intenção desta série, como seu título indica e sugere, é pensar a educação a partir de pressupostos da fé cristã.

O título da obra de Meier parece título de livro de auto-ajuda, do tipo que tem inundado nos últimos poucos anos as livrarias brasileiras. Tornou-se moda utilizar Jesus como modelo para tudo que se quer vender. Nesta perspectiva, Jesus se tornou psicólogo, educador, conselheiro e até mesmo executivo líder de empresas (C.E.O.), e sabe-se mais o que. Desnecessário dizer que esta cristologia popular é bastante distante de uma cristologia bíblica. Mas na verdade o livro de Meier se distancia dessa perspectiva de livros de auto-ajuda barata. Na construção do seu argumento, Meier se estriba em fontes abalizadas do campo da filosofia da educação, como Edgar Morin, cuja filosofia da complexidade tem sido muito utilizada por educadores de diversas tendências, e Philippe Perrenoud, que recentemente tornou-se referência no campo das competências para a dinâmica do ensinar. O embasamento teórico do livro

* Carlos Ribeiro Caldas Filho é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. É doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, professor na Escola Superior de Teologia e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. ccaldas@mackenzie.br

também contempla obras teológicas propriamente. Dentre estas destacam-se obras do teólogo galego Andrés Torres Queiruga e do jesuíta uruguaio Juan Luis Segundo. Tudo isto para defender a tese de que a educação é elemento indispensável para mudança e transformação social. Estes desejados aspectos de mudança e transformação, conforme o autor, devem acontecer não apenas no plano sócio-econômico, mas também em um plano maior, verdadeiramente macroscópico, que envolve a questão de uma ética ambiental e ecológica. Este é um aspecto repetido à farta em todo o livro.

A proposta do livro é relativamente simples, e já pode ser apreendida apenas pela leitura do título: Meier quer utilizar a dinâmica de vida e ministério de Jesus como modelo para educadores cristãos. Ao longo de quatro capítulos, com linguagem bastante simples, comunicativa e direta, sem floreios, mas com algumas frases de efeito de quando em quando, Meier pretende demonstrar como cristãos comprometidos envolvidos com a tarefa da educação podem aprender com Jesus como serem educadores. Para Meier, ser cristão é viver uma ética do seguimento de Jesus, e nem tanto uma adesão intelectual a um credo ou a um esquema sistemático de doutrinas. E isto, conforme o autor, obrigatoriamente vai afetar o processo educacional. A pergunta central do livro é: “Como ser seguidor do Mestre, hoje, na condição de educador?” (p. 125).

A proposta do autor, portanto, conquanto simples em seu enunciado, é importante. Todavia, percebem-se problemas em seu arrazoado. Meier interpreta diversos textos dos evangelhos como metafóricos apenas. O aspecto histórico dos textos evangélicos é desconsiderado. Atos de curas e exorcismos realizados por Jesus e relatados nos evangelhos são interpretados existencialmente pelo autor. A interpretação que Meier faz de alguns textos bíblicos é praticamente alegórica. Ademais, o autor revela um otimismo exacerbado em relação ao ser humano. Na p. 169, por exemplo, Meier fala da necessidade de educadores que consigam ver a “dimensão divina do humano” no processo da educação. Esta visão exageradamente otimista do ser humano não leva em conta a realidade do pecado. Para a teologia reformada ao falar-se do ser humano há que se considerar o que os teólogos reunidos no Sínodo de Dort (Dordrecht, Holanda, 1618-1619) denominaram a “depravação total” do homem. Como bem lembrou o escritor inglês G. K. Chesterton, em seu clássico *Ortodoxia*, há exatamente um século, a doutrina do pecado é a única doutrina cristã que pode ser comprovada empiricamente...

Para efeitos de levar adiante seu argumento, Meier efetivamente constrói uma cristologia. O problema é que faltam à cristologia de Meier os aspectos centrais da cristologia bíblica, quais sejam, o ensino neotestamentário que apresenta Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Jesus de Nazaré na visão de Meier é o Filho de Deus, mas é apresentado apenas como um modelo ético para educadores. Sem embargo da importância da visão de Jesus como modelo de ação ética, não é correto pensar em uma cristologia reducionista, que deixa

de lado os aspectos soteriológico e *kiriológico* do ensino bíblico a respeito de Jesus. Apesar de se referir a Jesus como “Filho de Deus”, o autor o apresenta mais como um mestre espiritual de alguma grande tradição religiosa do que como o Filho de Deus em um sentido *stricto sensu*.

Não poderia deixar de mencionar uma informação errada que é dada na p. 107: ao citar um trecho de uma música popular brasileira – “tudo o que move é sagrado e remove as montanhas com todo o cuidado, meu amor...” – o autor afirma em nota de rodapé que é trecho da música *Sol de primavera*, do poeta e músico mineiro Beto Guedes. Na verdade, o trecho citado é da bela poesia *Amor de índio*.

Em suma: é possível – e necessário – pensar na educação a partir do modelo de Jesus. Mas a partir de uma cristologia que leve a sério os dados da revelação bíblica. Neste sentido, o livro de Celito Meier é uma boa idéia mal executada.